

## **CLÍNICA ESCOLA: ATENDIMENTO DE BASE PSICANALÍTICA**

**Ariceli Anunciata Breguêz Rocha<sup>1</sup>**  
**Carlos Roberto Marcolino Junnior<sup>1</sup>**  
**Laís Pereira Monteiro<sup>1</sup>**  
**Verônica da Costa Novaes<sup>1</sup>**  
**Vitória Mendes Lima<sup>1</sup>**  
**Pollyana Brandão Gomes<sup>2</sup>**

polly.matipo@gmail.com

**ÁREA DE CONHECIMENTO: CIÊNCIAS DA SAÚDE**

**PALAVRAS-CHAVE:** clínica escola; atendimento; base psicanalítica.

### **INTRODUÇÃO**

A clínica escola de psicologia, como levantado por Marcos (2011), além de ser um local para pesquisa e reflexão é também um ponto de intersecção entre a sociedade e a comunidade. O aprendizado dos estagiários não é o fator que determina a clínica, mas sim, o cuidado com o sofrimento psíquico e a atenção à saúde. Para Dias (2003), na experiência vivenciada na clínica, o aluno conhece o espaço entre a sala de aula, o saber exposto, o que se passa na clínica, o conteúdo aprendido e a experiência analítica. Em sua obra “A direção do tratamento e os princípios de poder”, Lacan (1998[1969]), afirma que a oferta do atendimento clínico é realizada pelo público e com isso é criada a demanda. O dispositivo analítico possui a peculiaridade de dar origem a demanda sem respondê-la. O sujeito procura o analista para se livrar do seu sofrimento, é feita a oferta de uma escuta e o convite para que ele fale. A oferta da escuta não o livra de uma implicação com o seu sintoma. Marcos (2011), relembra Freud ao citar que ele ensina ouvir a demanda de cada sujeito, na medida em que o sintoma e o gozo são o que há de mais singular para o analisante. Miller (1997), traz que o que é terapêutico na operação analítica é o desejo. De certa forma, o desejo é a saúde. Contra a angústia, é o remédio mais eficaz. A culpa deve-se fundamentalmente, a uma renúncia ao desejo. Miller ainda complementa dizendo que paradoxalmente, o desejo é aquilo que é contrário a todo equilíbrio ao bem-estar.

### **METODOLOGIA**

---

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

<sup>2</sup> Psicóloga. Mestre em Políticas Públicas. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, onde foram utilizados artigos pesquisados na plataforma de busca Scielo. Os descritores utilizados foram: Clínica escola, Atendimento e Base psicanalítica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Segundo Gómez e Chatelard (2020), a proposta do estágio em uma clínica escola de Psicologia inclui pensar espaços de pesquisa-intervenção-criação de dispositivos psicanalíticos em diálogos com diferentes saberes. As autoras enfatizam a relevância da transmissão do manejo clínico de base psicanalítica nas instituições de ensino (GÓMEZ; CHATELARD, 2020). Na clínica-escola, como ressaltado por Marcos (2011), o tratamento é limitado no tempo. Inicialmente, é um semestre letivo, o que equivale a quatro meses. Durante esse período, possui o intuito de produzir, através do encontro com o analista, a divisão subjetiva que poderia levar a análise. A duração e prolongamento desse processo foi fonte de preocupação para Freud. Porém, com seus ensinamentos, nota-se que não será realizada a modificação da técnica e um combate à resistência na busca de uma eficácia rápida da análise, mas a da elaboração metapsicológica das razões que justificam o tratamento prolongado. No texto “A dinâmica da transferência” (1969 [1912]), o problema central apresentado por Freud é a resistência. As pulsões se repetem ao longo da vida e determinam em cada sujeito sua maneira de amar, sendo assim, a transferência torna-se uma poderosa arma da resistência. Na clínica-escola, como destacado por Marcos (2011), o encontro com o estagiário precisa abrir a possibilidade de fazer aparecer um vetor, um endereçamento ao Outro. Por um lado, possibilita o alívio próprio à verbalização, mas por outro deixa um resto que deve poder ser contado, levado em conta, mesmo se refratário ao simbólico. Para contar esse resto são necessárias a análise pessoal, o ensino dos psicanalistas Freud e Lacan e a supervisão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos fatos expostos, conclui-se que a clínica escola concebe uma prestação de serviços psicológicos, formação e aperfeiçoamento profissional. Além disso, investiga temas relativos a práticas psicológicas e suas vicissitudes.

## **REFERÊNCIAS**

- DIAS, L. M. P. (2003). **Psicanálise e Universidade. Há transmissão sem clínica?** Belo Horizonte: Autêntica.
- FREUD, S. (1912/1969). **A dinâmica da transferência.** Obras completas, ESB, v. XII. Rio de Janeiro: Imago.

GÓMEZ, V. A.; CHATELARD, D. S. (2020) **A Prática Psicanalítica frente ao Sujeito Contemporâneo Reflexões a partir da Clínica-Escola**

LACAN, J. (1961/1998). **A direção do tratamento e os princípios de seu poder.** In: Lacan, J. *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MARCOS, Cristina Moreira. Reflexões sobre a clínica-escola, a psicanálise e sua transmissão. **A clínica-escola e a psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 23, ed. 2, p. 205-220, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/7qXjFT53Nq7ykdcxkfnYkrs/?lang=pt#:~:text=Diversas%20s%C3%A3o%20as%20abordagens%20terap%C3%AAuticas,rela%C3%A7%C3%B5es%20entre%20psican%C3%A1lise%20e%20universidade.> Acessado em: 9 de março de 2022.

MILLER, J. A. (1997). Psicoterapia e psicanálise. In: Forbes, J. (Org.). **Psicanálise ou psicoterapia** (pp. 9-20). Campinas, São Paulo: Papirus.